

POUCAS E BOAS

HISTÓRIAS VIVIDAS EM 120 ANOS DE TCE-PI



POUCAS E BOAS

HISTÓRIAS VIVIDAS EM 120 ANOS DE TCE-PI

TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DO PIAUÍ
TERESINA-PI
2019



TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DO PIAUÍ

VISÃO

Ser reconhecida como uma instituição de excelência, célere e comprometida com a defesa do erário e da boa governança.

MISSÃO

Exercer o controle externo, mediante orientação, fiscalização e avaliação da gestão dos recursos públicos, visando a sua efetiva aplicação em prol da sociedade.

VALORES

Compromisso, Ética, Celeridade, Transparência, Qualidade, Modernidade e Efetividade.

CONSELHEIROS

Cons. Abelardo Pio Vilanova e Silva - **Presidente**

Cons. Lilian de Almeida Veloso Nunes Martins - **Vice-Presidente**

Cons. Kleber Dantas Eulálio - **Corregedor Geral**

Cons. Olavo Rebelo de Carvalho Filho - **Ouvidor**

Cons. Waltânia Maria Nogueira de Sousa Alvarenga - **Controladora-Interna**

Cons. Luciano Nunes Santos - **Presidente da 1ª Câmara**

Cons. Joaquim Kennedy Nogueira Barros - **Presidente da 2ª Câmara**

CONSELHEIROS SUBSTITUTOS

Jaylson Fabianh Lopes Campelo

Delano Carneiro da Cunha Câmara

Jackson Nobre Veras

Allisson Felipe de Araújo

PROCURADORES

Leandro Maciel do Nascimento – **Procurador-Geral**

Márcio André Madeira de Vasconcelos

Raissa Maria Rezende de Deus Barbosa

José Araújo Pinheiro Júnior

Plínio Valente Ramos Neto

© 2019, Tribunal de Contas do Estado do Piauí
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.tce.pi.gov.br>

PRODUÇÃO EDITORIAL

Direção Geral

Abelardo Pio Vilanova e Silva

Coordenação

Larissa Gomes de Meneses Silva

Colaboradoras

Eveline da Silva Oliveira

Kelly de Sousa Maciel

Projeto gráfico, Capa e Diagramação

Alcides Amorim

Revisão

Francisco do Nascimento Araújo

Editora

Tribunal de Contas do Estado do Piauí

Impressão

Cromos Editora e Indústria Gráfica

APRESENTAÇÃO

Foi com um misto de prazer, orgulho e um pouco de apreensão que recebi o convite para fazer a apresentação do livro “Poucas e Boas – Histórias vividas em 120 anos de TCE-PI”. Prazer e orgulho por me pedirem para falar de um assunto que gosto, de um local que adoro e de pessoas com quem convivo há muito tempo. Apreensão pela enorme responsabilidade de falar em nome de tantos, pela enorme responsabilidade de apresentar este emaranhado de lembranças coletivas.

Mas esta apreensão logo foi vencida quando percebi que o que iria apresentar aqui nada mais é do que a fotografia de nossos passos durante todos esses anos. Somos, todos nós que trabalhamos aqui, a essência desta Corte, sua alma. O que veremos nessas próximas páginas são as fotografias de pessoas que estão ou já passaram por aqui e que deixaram saudades, de momentos que passaram por nós, e que ficaram pelo caminho, em alguma curva do passado. São fotografias de nós mesmos, de coisas que fizemos no passado e muitas vezes nem lembramos, de coisas que nos fizeram sorrir e hoje sumiram de nossas lembranças. São fotografias de momentos que partilhamos. Nós somos a alma desta Corte!

Temos uma vida em comum aqui. Convivemos aqui neste órgão, cruzando-nos pelos corredores, na cantina, em reuniões, em cursos e em confraternizações. Envelhecemos juntos, lenta e inexoravelmente. Acompanhamos os cabelos de alguns colegas ficarem grisalhos, acompanhamos alguns outros caírem (posso atestar isso), vimos algumas rugas aparecerem. Talvez nem percebamos, porque nos vemos todos os dias. Mas, olhando fotos antigas e compartilhando lembranças, vemos que o tempo passa, e passamos juntos com ele.

É impossível falar destas lembranças todas que veremos nas páginas que se seguem deste Memorial sem lembrar o poema de Saint Exupery:

“ Aqueles que passam por nós,
não vão sós, não nos deixam sós.

Deixam um pouco de si,
levam um pouco de nós”.

E é disso que trata! Este livro é contado sob o ponto de vista de um álbum de memórias. Aqui está a história do Tribunal de Contas do Estado do Piauí, contada através de seus servidores, de suas lembranças, dos momentos passados nestes corredores e nestas salas. Nós somos todos nossas próprias memórias, independentemente da idade que temos hoje, ou das marcas que o tempo deixou em cada um de nós. Aqui não envelhecemos! Aqui somos imortais! Aqui renascemos a cada novo servidor que passa por estas portas, e que também estará escrevendo sua historia nestes pergaminhos. Convido a todos a respirar fundo e adentrar as páginas que seguem. Nelas há vida e lembranças. E através das lembranças se constrói um futuro melhor. Vida longa e próspera ao TCE!

Sérgio Idelano



SUMÁRIO

10 | ATO DE CORAGEM

11 | MULTAS QUE CONSTROEM

12 | DO MAGISTÉRIO PARA O TRIBUNAL

14 | A ANATOMIA DE UMA VEREADORA

15 | ERA UMA CASA MUITO ENGRAÇADA...

16 | LAÇOS DE AMIZADE

17 | UMA FIGURA SEM PAPAS NA LÍNGUA

18 | A VISITA

19 | VIAJAR É PRECISO

21 | A ANIMAÇÃO DO MPC

23 | UMA GRANDE FAMÍLIA

25 | O ELEVADOR

26 | MÃE E FILHA

28 | “ME RESPEITA QUE SOU DO TEMPO...”

29 | O HOMEM DO COMPUTADOR

30 | O TOMBO

31 | PEGANDO FOGO

32 | TCE MUSICAL

33 | UMA NOVA SERVIDORA

34 | FAROESTE PIAUIENSE

36 | NOVA MODALIDADE DE APOSENTADORIA?

37 | ENTRE O FACÃO E O PROCESSO

ATO DE CORAGEM

CABO J. SOARES

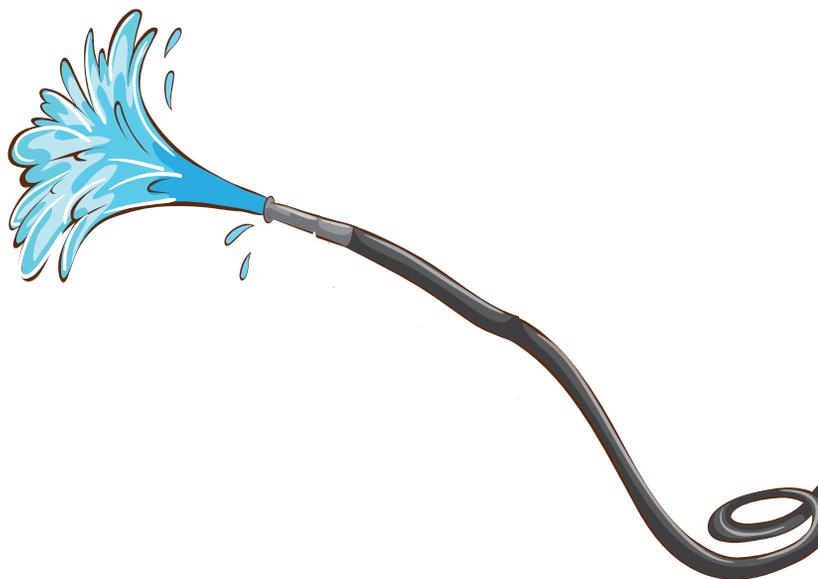
Era outubro de 2011. Eu, Osmar José Soares (Cabo J. Soares), lotado no pelotão especial de segurança do TCE, estava em casa, de folga, assistindo a um jornal local às 19h, quando foi anunciado um incêndio na Secretaria de Saúde, próximo ao Anexo II do Tribunal de Contas do Estado do Piauí. Imediatamente desbloqueiei-me ao local e, ao chegar, deparei-me com a realidade do fato. Era muito fogo.

Vendo a possibilidade de o fogo atingir as dependências do prédio, fui até o 4º andar e, segurando uma mangueira com um forte jato de água, sustentando-me somente com as pernas presas ao ferro de proteção daquele pavimento, comecei a apagar as chamas que se alastravam em direção ao edifício, evitando, assim, que o fogo atingisse as salas. O local estava muito quente, e as chamas se espalhavam rapidamente. Ainda assim, permaneci no local das 20h a 01h da madrugada, aproximadamente. A ocorrência, no entanto, foi encerrada por volta das 03h.

Graças a Deus consegui evitar o pior. Foi um trabalho gratificante ter contribuído com o Corpo de Bombeiros e, ao mesmo tempo, evitado problemas maiores ao nosso órgão. Foi por causa dessa atitude que os conselheiros do Tribunal de Contas do Estado do Piauí teceram elogios a mim durante uma sessão, como forma de reconhecimento do meu trabalho e postura. Quem conduziu a sessão foi conselheiro substituto Jaylson Campelo, o qual levou o conhecimento do fato aos conselheiros

presentes. Não me faltaram elogios também do Major do Corpo de Bombeiros Carlos Verderico.

Fiquei muito feliz pelo reconhecimento, pois, na oportunidade, a minha intenção era demonstrar o amor que tenho pela minha profissão e pela instituição na qual trabalho, o TCE-PI.



§ MULTAS QUE CONSTROEM §

SECRETARIA DAS SESSÕES



Como todos sabem, o Setor de Multas funciona no mesmo espaço que a Secretaria das Sessões.

Certa vez, compareceu um gestor de prefeitura para fazer um levantamento das multas impostas a ele.

Foi atendido prontamente e, ao ver a quantia devida, ficou revoltado e pôs-se a esbravejar e a reclamar, dizendo que o Tribunal de Contas estava crescendo às custas dele.

A prova era que o Anexo I – Cons. Walmor Carvalho foi todo construído com o dinheiro dos pagamentos de multas feitos por ele!!!!!!

DO MAGISTÉRIO PARA O TRIBUNAL

VALDIRA SOARES E SOARES



Egressa da rede pública de ensino, ingressei no Tribunal de Contas do Estado do Piauí através de concurso público, na gestão do então presidente Cons. Alcides Nunes, no ano de 1980.

Foi uma grande mudança em minha vida, porquanto migrava da rede de ensino para o que parecia totalmente diferente em termos de objetivos e público-alvo, mas não demorei a identificar no novo emprego algo prazeroso e estimulante profissionalmente porque desde o começo fui lotada em setores que tinham a ver com minha formação de magistério.

Com efeito, após tomar posse como oficial instrutivo, passei logo a integrar a Seção de Pessoal, no setor de treinamento.

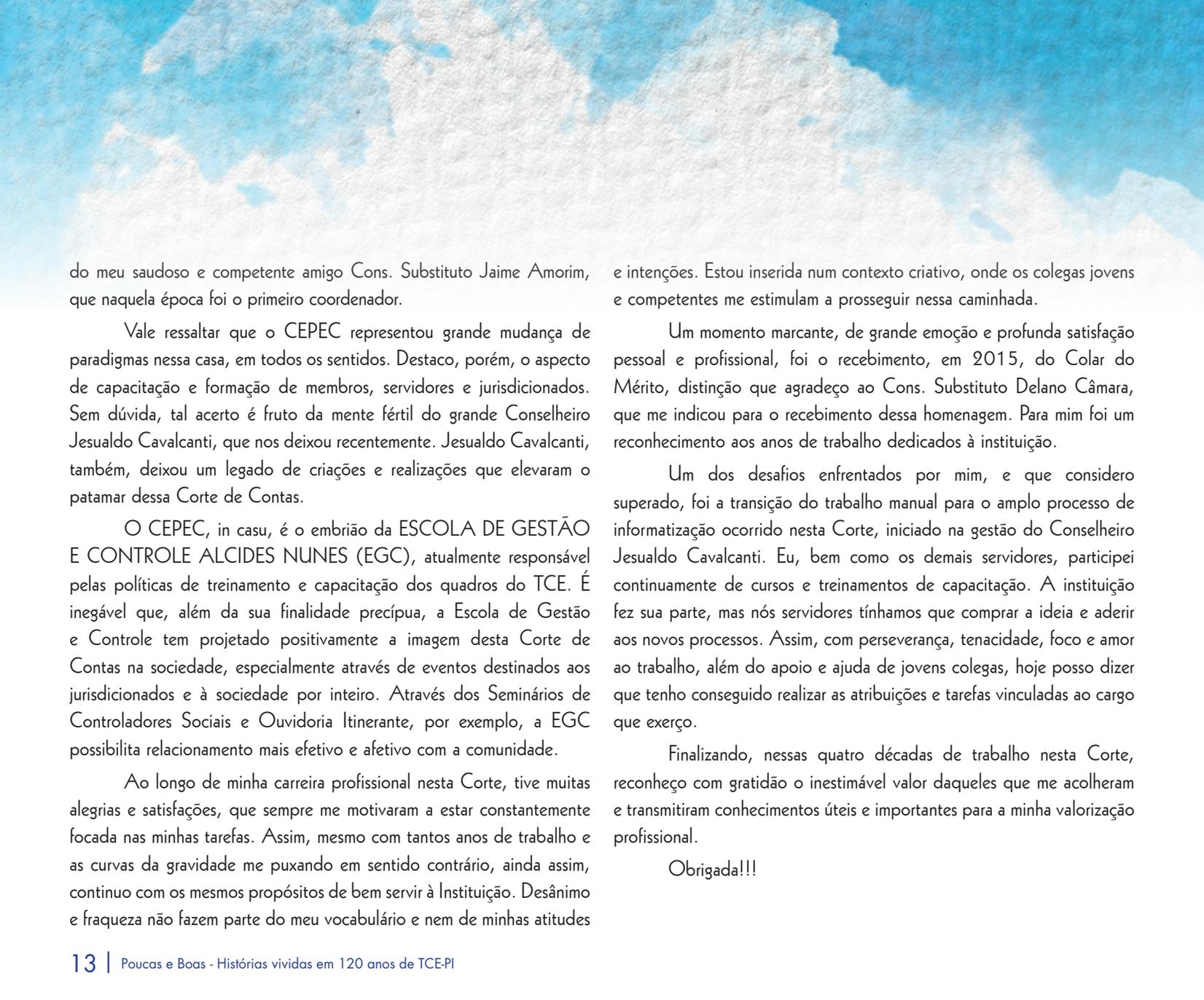
Por certo período, trabalhei na Contadoria e na Divisão de Material e Patrimônio, onde ampliei conhecimentos sobre esta Corte de Contas. Nesse setor me foi dada a oportunidade de substituir a chefe da Divisão, o que me proporcionou um conhecimento mais amplo da instituição.

Após essa experiência, fui designada Chefe de Seção de Treinamento. Ali permaneci por mais de um lustro.

Tive, ainda, a oportunidade de secretariar os trabalhos da Corregedoria Geral, permanecendo como chefe de Seção de Treinamento até o advento do Centro de Estudos, Pesquisa e Capacitação (CEPEC), criado no ano de 2001. Com a criação desse importante instrumento de capacitação e modernização do Tribunal, passei a exercer a função de secretária, participando diretamente de todas as ações desenvolvidas por esse Centro.

Nesse período, aconteceu o primeiro curso de pós-graduação de Controle Externo, através de convênio celebrado entre TCE/PI e Universidade Federal do Piauí (UFPI). Era o ano de 1998. Participei concomitantemente como aluna e como integrante da comissão de organização.

Como secretária do CEPEC, tive o privilégio de contribuir para a estruturação e planejamento dos Seminários de Formação de Controladores Sociais e Ouvidoria Itinerante, bem como para a organização dos processos seletivos para estagiários de 3º grau. Nesse mister, lembro carinhosamente



do meu saudoso e competente amigo Cons. Substituto Jaime Amorim, que naquela época foi o primeiro coordenador.

Vale ressaltar que o CEPEC representou grande mudança de paradigmas nessa casa, em todos os sentidos. Destaco, porém, o aspecto de capacitação e formação de membros, servidores e jurisdicionados. Sem dúvida, tal acerto é fruto da mente fértil do grande Conselheiro Jesualdo Cavalcanti, que nos deixou recentemente. Jesualdo Cavalcanti, também, deixou um legado de criações e realizações que elevaram o patamar dessa Corte de Contas.

O CEPEC, in casu, é o embrião da ESCOLA DE GESTÃO E CONTROLE ALCIDES NUNES (EGC), atualmente responsável pelas políticas de treinamento e capacitação dos quadros do TCE. É inegável que, além da sua finalidade precípua, a Escola de Gestão e Controle tem projetado positivamente a imagem desta Corte de Contas na sociedade, especialmente através de eventos destinados aos jurisdicionados e à sociedade por inteiro. Através dos Seminários de Controladores Sociais e Ouvidoria Itinerante, por exemplo, a EGC possibilita relacionamento mais efetivo e afetivo com a comunidade.

Ao longo de minha carreira profissional nesta Corte, tive muitas alegrias e satisfações, que sempre me motivaram a estar constantemente focada nas minhas tarefas. Assim, mesmo com tantos anos de trabalho e as curvas da gravidade me puxando em sentido contrário, ainda assim, continuo com os mesmos propósitos de bem servir à Instituição. Desânimo e fraqueza não fazem parte do meu vocabulário e nem de minhas atitudes

e intenções. Estou inserida num contexto criativo, onde os colegas jovens e competentes me estimulam a prosseguir nessa caminhada.

Um momento marcante, de grande emoção e profunda satisfação pessoal e profissional, foi o recebimento, em 2015, do Colar do Mérito, distinção que agradeço ao Cons. Substituto Delano Câmara, que me indicou para o recebimento dessa homenagem. Para mim foi um reconhecimento aos anos de trabalho dedicados à instituição.

Um dos desafios enfrentados por mim, e que considero superado, foi a transição do trabalho manual para o amplo processo de informatização ocorrido nesta Corte, iniciado na gestão do Conselheiro Jesualdo Cavalcanti. Eu, bem como os demais servidores, participei continuamente de cursos e treinamentos de capacitação. A instituição fez sua parte, mas nós servidores tínhamos que comprar a ideia e aderir aos novos processos. Assim, com perseverança, tenacidade, foco e amor ao trabalho, além do apoio e ajuda de jovens colegas, hoje posso dizer que tenho conseguido realizar as atribuições e tarefas vinculadas ao cargo que exerço.

Finalizando, nessas quatro décadas de trabalho nesta Corte, reconheço com gratidão o inestimável valor daqueles que me acolheram e transmitiram conhecimentos úteis e importantes para a minha valorização profissional.

Obrigada!!!



A ANATOMIA DE UMA VEREADORA



JAYLSON CAMPELO

Eu participei de diversos eventos com gestores públicos em vários municípios do Piauí. Nessas ocasiões, em que o Tribunal procurava orientar e esclarecer sobre as prestações de contas, buscava-se diminuir a quantidade de falhas cometidas.

Era figura extremamente presente e participativa certa vereadora de um pequeno município piauiense, que acompanhava sempre que podia e, ainda que sem uma sólida escolaridade, fazia inúmeros questionamentos, pedindo informações, esclarecendo dúvidas. Em razão de recorrentes presença e engajamento, tornou-se bastante conhecida de todos, particularmente de mim, que desenvolvi especial admiração por ela.

Pouco depois, a referida vereadora tornou-se presidente da Câmara do seu município e, por esse motivo, esteve presente em meu Gabinete por diversas vezes, tirando dúvidas, esclarecendo certos pontos da aplicação dos recursos, demonstrando uma real preocupação em fazer uma boa gestão e aplicar corretamente os recursos da Câmara.

Quando as suas contas finalmente foram ao Plenário do Tribunal para julgamento, ela compareceu e resolveu fazer, ela própria, a sua defesa, o que fez com competência, embora usando o seu linguajar simples, mas não deixando nenhum ponto sem a devida explicação.

Ao final da defesa, ela se dirigiu a mim e afirmou, ao microfone, para o espanto do Conselheiro Anfrísio Castelo Branco e gargalhada geral: “Está bem aí o Conselheiro Jaylson Campelo, que sabe que não cometi nenhuma ilegalidade, que sou uma pessoa correta, e ele conhece muito bem e de muito perto a minha anatomia” (na verdade, ela queria se referir ao seu perfil, de gestora responsável e dedicada).

O Conselheiro Anfrísio, corado de surpresa, perguntou-me, com um certo constrangimento: “Como é que o senhor explica isso, Conselheiro Jaylson? O que é que essa moça está querendo dizer?” Como todos estávamos sorrindo da inusitada colocação (inclusive a vereadora autora da pérola), não houve como esclarecer o assunto no momento, havendo espaço apenas para a generalizada gargalhada, ao final da qual as contas, claro, foram devidamente aprovadas.





ERA UMA CASA MUITO ENGRAÇADA...



LUCIANE TOBLER

A recepção era a sala de visita, com galinhas a passear e uma TV de um canal só.

Única opção de hospedagem da cidade, com instalações de fazer dó.

Um quarto para duas pessoas, com uma cama, uma rede, um tamborete e um ventilador antigo.

O banheiro, no fundo da casa, não tinha tranca na porta nem água encanada. O banho era de cuia, vigiado pelo amigo.

Este foi o cenário de uma inesquecível viagem de inspeção

Com diárias de dez reais, feita ao município de Boqueirão.

A história tem mais de 10 anos.

Verificar as mudanças de lá está nos planos.



LAÇOS DE AMIZADE

MARLENE FERREIRA SILVA DE SOUSA

Eu, Marlene Ferreira Silva de Sousa, passei a fazer parte da família TCE no dia 02 de julho de 1980, quando o Tribunal ainda funcionava na Rua Álvaro Mendes, 4011. Tomei posse nessa data junto com a minha amiga Teresinha de Jesus Silva, sob a presidência do Conselheiro Alcides Nunes. Lembro que nessa mesma data aconteceu algo muito engraçado, pelo que agradeço a Deus até hoje. Logo que nós assinamos o termo de posse, Dr. Alcides mandou chamar o diretor executivo, na época Renato de Cássia e Silva, e a diretora da DAM (atual Divisão de Fiscalização da Administração Municipal – DFAM). Naquele momento os dois setores estavam precisando de escriturário datilógrafo. Na mesma hora, a diretora da DAM olhou para mim e disse: “Renato, você fica com a funcionária que está grávida, porque mulher grávida dá muito trabalho”.

Não nego que, naquele momento, eu fiquei muito chateada, tendo em vista que ela não me conhecia e que, afinal, gravidez não é doença. Além do mais, eu nunca havia apresentado qualquer problema em minha gestação anterior. Mas, como diz aquela máxima de que “nada é por acaso”, eu pude perceber que foi a providência divina o fato de ela não ter me aceitado, porque na Diretoria Executiva formamos uma grande família, e até hoje mantemos nossos laços de amizade.

Nesses quarenta anos de Tribunal, tive a oportunidade de trabalhar na Secretaria das Sessões,



sob as chefias de Dona Cordélia, Seu Bosco e, depois, da Maria Eutália. Também tive a experiência de trabalhar na Seção Indireta – fui chamada para substituir a colega Lúcia Lina durante a sua licença maternidade – sob a chefia da Sra. Graça Franco. Quando retornei para a Secretaria das Sessões, o setor era chefiado pela Eutália, que, para nós, além de chefe era uma grande amiga, sempre preocupada em nos ensinar, desejando-nos sempre o melhor.

Nessas quatro décadas de Tribunal, pude viver muitas transformações pelas quais esta Corte de Contas passou. Uma delas foi a rotina de trabalho, antes desenvolvida de forma precária em termos de estrutura física, pois em 1980 o TCE funcionava em quatro prédios localizados no centro da cidade, nas proximidades da Praça João Luís Ferreira, com processos enormes em papel que eram levados de prédio em prédio para passar por todos os setores devidos. A rotina era extensa e cansativa, mas necessária.

Vivenciei a mudança para a sede própria em 1998 (e lá se vão 21 anos) e a implantação do ponto eletrônico que, em princípio, dividiu opiniões. Nesse ínterim, foram várias mudanças que contribuíram para que, como órgão público, o TCE-PI tenha evoluído tanto em termos de estrutura como de processos de trabalho, entre outras coisas.

Vocês lembram da Teresinha? Ela costumava dizer que, como tomamos posse no mesmo dia, nós também nos aposentávamos no mesmo dia, mas as coisas não aconteceram conforme o planejado. Teresinha aposentou-se em 2011, e hoje se diz arrependida de ter se aposentado tão cedo. Eu continuo por aqui. Prefiro ficar um pouco mais.

UMA FIGURA SEM PAPAS NA LÍNGUA

GRAÇA CARDOSO



Trabalhava no TCE uma figura folclórica, falecida precocemente em um acidente em 1980. Não tinha “papas na língua”, falava o que lhe vinha “na telha”, como diz o ditado popular.

O nosso presidente à época, muito rígido e exigente, mandou colocar uma espécie de “cancelinha” para que os funcionários tivessem dificuldades para sair. Mesmo assim a servidora pulava.

Um dia, ela estava pulando quando um conselheiro ia passando e disse:

- Você não tem vergonha de só viver na rua “batendo pernas”?

Ela disse:

- Não. E o senhor não tem vergonha de passar a manhã toda rodando na cadeira sem fazer nada?

A VISITA

ANETE MARQUES DA SILVA



Nesse relato compartilho com vocês uma passagem de minha vida no TCE-PI. Durante a construção do edifício sede (prédio principal) do Tribunal, por volta dos anos de 1994/1995, o presidente era o Cons. Jesualdo Cavalcanti Barros, natural de Corrente do Piauí. Nessa época eu já era lotada no gabinete da presidência, e ele costumava fazer uma visita técnica à construção da nova sede toda sexta-feira, acompanhado dos engenheiros da obra e de alguns diretores, que a cada semana se revezavam. O presidente fiscalizava pessoalmente a obra e fazia suas considerações, que eram anotadas por assistentes que o acompanhavam.

Certo dia, adentrou a nossa sala e perguntou se eu já havia participado de alguma dessas visitas técnicas. prontamente lhe respondi que ainda não. Então foi logo dizendo: amanhã você participará.

Na hora certa fui chamada à sua sala para acompanhar a equipe. Ao chegar à construção, o Conselheiro Jesualdo ia explicando, questionando e pedindo que o acompanhássemos.

Chegamos ao primeiro andar com muito cuidado, pois a escada de acesso não tinha corrimão de proteção. A subida foi fácil, mas a descida... Meu Deus! A visita estava sendo

finalizada e toda a equipe acompanhava o presidente. Quando todos desceram e já se dirigiam para os veículos que os aguardavam, eu ainda tentava fazer a descida, mas não conseguia. Ia para um lado, ia para o outro, e nada! Fui tomada por pânico, uma sensação horrível, o medo de cair. A essa altura, a maioria já havia retornado, e eu ainda tentando descer, sem, no entanto, conseguir. Os colegas que já se encontravam embaixo pediam para eu descer e diziam que não havia problema, que era seguro, embora não houvesse corrimão.

Os operários que se encontravam na parte superior do prédio e me observavam, por sua vez, jogaram-me uma corda presa no alto para eu descesse escorregando por ela até o chão. Assim consegui descer, prometendo-me nunca mais subir em uma construção sem corrimão.

Ao entrarmos no carro, de volta ao TCE, pedi aos colegas que nada falassem sobre o ocorrido. No dia seguinte, o presidente me perguntou o que havia achado da construção. Respondi, sem levantar a cabeça, que a obra estava bastante adiantada e que, finalmente, o TCE teria um prédio condizente com sua importância no estado.

Rapidamente ele pediu que eu ligasse para os engenheiros e pedisse que colocassem um corrimão na escada para facilitar o acesso aos visitantes.

Eu nunca soube se ele algum dia tomou conhecimento do ocorrido comigo naquela ocasião. O certo é que, até hoje, quando ouço a expressão “visita técnica”, vem-me à memória aquele dia fatídico.

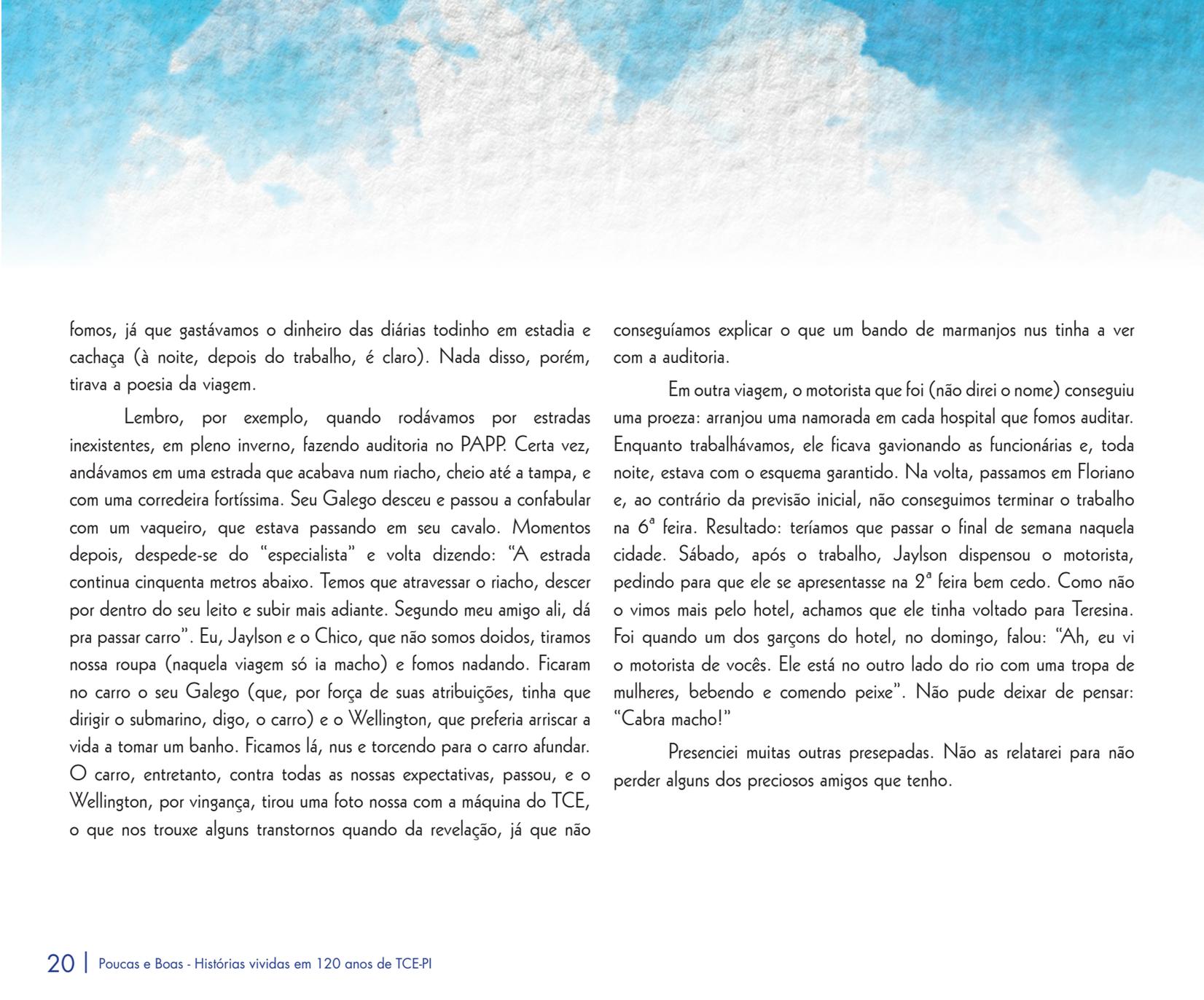
VIAJAR É PRECISO

SÉRGIO IDELANO



Costumo dizer que se o TCE pagasse um pouquinho melhor, seria o melhor local do mundo para se trabalhar. O ambiente é salutar, as pessoas, com algumas exceções (em todo lugar há os 'fdp' de sempre), são amistosas, e as condições de trabalho são boas. Formamos uma 'fauna' agradável. No nosso meio encontramos de tudo, basta procurar. Temos escritores e poetas (meu amigo Victor puxa o coro), músicos (um abraço ao Lucas, um músico de excelente estirpe), excelentes oradores (Jaylson, Delano, Lima, Jesualdo e inúmeros outros), humoristas (Chico, Machado e mais uma penca), professores de renome (Delano, Neto e muitos outros), políglotas (Victor, Andréa, Soraia Said e por aí vai), além de uma cambada de cachaceiros, todos excelentes profissionais que dignificam o órgão e são, digo sem medo, os verdadeiros responsáveis pela sua boa qualidade.

De todas as atribuições que o meu cargo exigiu, a mais divertida, sem dúvida, foram as viagens. É uma festa: todo mundo dentro das *Topics* do Tribunal, singrando o Piauí, em tom de camaradagem. Claro, nem tudo eram flores: tínhamos que ouvir o Jaylson contando piada daqui até Valença. Tínhamos também que conviver com bufas soltadas, de sacanagem, no carro lotado. Tínhamos que voltar mais lisos do que



fomos, já que gastávamos o dinheiro das diárias todinho em estadia e cachaça (à noite, depois do trabalho, é claro). Nada disso, porém, tirava a poesia da viagem.

Lembro, por exemplo, quando rodávamos por estradas inexistentes, em pleno inverno, fazendo auditoria no PAPP. Certa vez, andávamos em uma estrada que acabava num riacho, cheio até a tampa, e com uma corredeira fortíssima. Seu Galego desceu e passou a confabular com um vaqueiro, que estava passando em seu cavalo. Momentos depois, despede-se do “especialista” e volta dizendo: “A estrada continua cinquenta metros abaixo. Temos que atravessar o riacho, descer por dentro do seu leito e subir mais adiante. Segundo meu amigo ali, dá pra passar carro”. Eu, Jaylson e o Chico, que não somos doidos, tiramos nossa roupa (naquela viagem só ia macho) e fomos nadando. Ficaram no carro o seu Galego (que, por força de suas atribuições, tinha que dirigir o submarino, digo, o carro) e o Wellington, que preferia arriscar a vida a tomar um banho. Ficamos lá, nus e torcendo para o carro afundar. O carro, entretanto, contra todas as nossas expectativas, passou, e o Wellington, por vingança, tirou uma foto nossa com a máquina do TCE, o que nos trouxe alguns transtornos quando da revelação, já que não

conseguíamos explicar o que um bando de marmanjos nus tinha a ver com a auditoria.

Em outra viagem, o motorista que foi (não direi o nome) conseguiu uma proeza: arranjou uma namorada em cada hospital que fomos auditar. Enquanto trabalhávamos, ele ficava gavionando as funcionárias e, toda noite, estava com o esquema garantido. Na volta, passamos em Floriano e, ao contrário da previsão inicial, não conseguimos terminar o trabalho na 6ª feira. Resultado: teríamos que passar o final de semana naquela cidade. Sábado, após o trabalho, Jaylson dispensou o motorista, pedindo para que ele se apresentasse na 2ª feira bem cedo. Como não o vimos mais pelo hotel, achamos que ele tinha voltado para Teresina. Foi quando um dos garçons do hotel, no domingo, falou: “Ah, eu vi o motorista de vocês. Ele está no outro lado do rio com uma tropa de mulheres, bebendo e comendo peixe”. Não pude deixar de pensar: “Cabra macho!”

Presenciei muitas outras presepadadas. Não as relatarei para não perder alguns dos preciosos amigos que tenho.

🌀 A ANIMAÇÃO DO MPC 🌀

ALEXANDRA CRONEMBERGER RUFINO



O Ministério Público de Contas sempre pareceu muito sisudo e metido a besta aos olhos dos demais setores do TCE, até para mim, antes de chegar aqui. Mas é só impressão mesmo. Do lado de dentro da porta de vidro é só animação e muita amizade entre seus servidores.

As manhãs começam animadas com o 'café' na sala da Maria Teresa, que nos recebe a todos com sua empatia e sensibilidade, e nos permite um momento de encontro diário para colocar os papos em dia antes de nos metermos em nossos gabinetes para o trabalho. Nesse momento, gargalhamos muito com as histórias do José Nilson e com os comentários irônicos do Flávio.

No final do expediente, outro momento de encontro é a hora do almoço na nossa 'copa', sala especial em que compartilhamos as histórias do dia, sorrimos bastante e até 'trocamos' ou compartilhamos as comidas (quando não gostamos da nossa e ficamos com o olhar pidão na bonita comida dos outros). Eu, a Joseane, a Frinny, o Joel, o Flávio, a Ana Joaquina, o Dasaev, o Eduardo e o Alan somos figurinhas carimbadas nesse ambiente. Os demais passam por lá de vez em quando e são sempre bem-vindos.



Essa empatia sempre nos fez bem unidos e sempre comemoramos essa amizade com muita festa. Foi assim no *São João* que fizemos aqui, com *quadrilha* e comidas típicas, na Copa do Mundo, em que todos vieram devidamente vestidos de verde e amarelo, e nas festas e almoços de confraternização de fim de ano, em que nos reunimos fora daqui para celebrar a vida.

Nessas ocasiões sempre tiramos muitas fotos que publicamos nas redes sociais. O *Facebook* vive nos 'recordando' e, assim, não nos esquecemos dos servidores que já passaram por aqui. Para isso, tenho, inclusive, um mural em que exponho fotos de todas as formações do Gabinete do Dr. Leandro.

O trabalho aqui no MPC é assim, sempre misturado com muitas risadas e brincadeiras. Os estagiários sempre foram personagens importantes, tanto que alguns deles viraram servidores, para a nossa alegria. Entre eles, a Camila, a Ana Joaquina, a Rhanna, o Joel e o Dasaev (que para mim é um orgulho porque foi meu aluno).

Por ocasião do Congresso Nacional do Ministério Público de Contas, o Alisson, recém-chegado, estava por aqui e deixou

muitas histórias engraçadas para recordarmos e sorrir. Em uma delas, ele confundiu uma autoridade do Tribunal com um convidado comum e barrou a mesma na porta do auditório. Quando a pessoa se identificou, ele disse: "Muié, se tu tivesse dito antes, já tinha entrado!"

Em outra ocasião, eu estava tentando uma vaga para trazer uma estagiária que também foi minha aluna e queria muito vir trabalhar aqui. No dia em que a vaga surgiu, fiquei tão feliz que saí correndo no meio do corredor do MPC, com meus sapatinhos nada discretos fazendo um barulho terrível.

Naquele momento, estava acontecendo um encontro na sala de reuniões entre os Procuradores e uma equipe da DFAE. Ao ouvirem a zoadada, acharam que o prédio estava pegando fogo. O Dr. Leandro abriu a porta assustado, mas, ao me ver passar como um foguete, voltou e acalmou a todos dizendo: "Ah, foi só a Alexandra correndo!"

UMA GRANDE FAMÍLIA

DELMAIR SOUSA E SILVA SAFFNAUER

Sou funcionária do TCE desde a época dos porões do prédio sede. Para quem não sabe, o TCE funcionou por um longo período em prédios antigos localizados no centro de Teresina. A sede ficava na Rua Álvaro Mendes, em um casarão cujos cômodos foram ocupados pelos diversos setores que compunham o Tribunal. A Seção de Pessoal, por exemplo, funcionava no porão, pano de fundo perfeito para que inúmeras histórias de assombração circulassem pelos corredores do edifício. Há quem diga que se escutavam os choros e lamentações dos escravos que foram mantidos nas dependências dos porões daquele antigo casarão.

Desse tempo guardamos boas lembranças, tempo em que tínhamos bons amigos e companheiros que, ao nos encontrarmos pela manhã cedinho, nos cumprimentávamos com um sorriso, um bom dia seguido de abraços, enfim, uma sincera demonstração de carinho e amizade, algo quase em extinção nos dias de hoje. Bons tempos aqueles, bons costumes que infelizmente estão sendo substituídos pelo celular!

Por muito tempo trabalhei naqueles porões, na Seção de Pessoal, hoje em dia, Divisão de Gestão de Pessoas (DGP). Eu era responsável pelas alterações em Folha de Pagamento e RAIS.

Antigamente as coisas eram mais difíceis. Essa época do porão coincidiu com o tempo em que a minha família crescia, de dois em dois anos. Por muitas e muitas vezes eu não tinha com quem deixar o meu





filho mais velho, e, sem qualquer alternativa, a opção era levá-lo para o Tribunal. Costumávamos brincar que estávamos “aumentando o quadro de estagiários mirins”. Acomodávamos a criança embaixo da mesa e ali ela dormia. Assim, aproveitávamos esse tempo para prosseguir com o trabalho. Naquele tempo essa era uma rotina que acontecia com diversas outras funcionárias.

Os meus filhos e os filhos de muitas outras servidoras foram crescendo nos corredores do TCE-PI. Costumávamos ser uma grande família. As amizades construídas entre os servidores nas dependências do Tribunal foram sendo repassadas aos nossos filhos, que foram se tornando amigos também. Afinal, vez ou outra encontravam-se pelo Tribunal, e também nas confraternizações que anteriormente aconteciam com mais frequência e das quais a maioria dos servidores do TCE participava.

Os corredores do Tribunal já testemunharam muitas histórias, tendo como personagens membros, servidores, jurisdicionados, etc. Uma das histórias mais marcantes de que me lembro, pois aconteceu comigo mesma, foi quando em certa manhã, estando eu trabalhando normalmente, como todos os dias, na Seção de Finanças no TCE, onde não há trégua devido ao volume de processos para pagamentos, juntamente com meus amigos Gonçalo Graciano e Claudete, de repente o meu telefone celular tocou e eu automaticamente atendi. Era a voz

de uma jovem chorando e dizendo: “Mãe, eles me pegaram mãe! Me ajuda, por favor, mãe!”

O nervosismo, a angústia e o medo me dominaram de uma forma que eu ouvia exatamente a fala da minha filha que tinha ficado em casa. Saí imediatamente da sala, flutuando, desesperada para chegar ao estacionamento e ir ao encontro dela. Enquanto isso, uma voz masculina me dava as coordenadas para que eu pudesse depositar a quantia que eles estavam pedindo para o resgate e, ao mesmo tempo, eu ouvia choro e lamentação, como se fosse a voz da minha filha.

Alguns colegas viram meu transtorno e saíram ao meu encontro. Quando estava passando em frente à Seção de Recursos Humanos, alguém me puxou para dentro da sala, enquanto eu continuava negociando com a pessoa do outro lado. O Jorge Félix ligou para minha casa e conseguiu falar com minha filha, mas por mais que ele me dissesse que ela estava em casa, eu estava tão transtornada que não conseguia ouvir. Com muita insistência dos colegas, e depois de eles colocarem o telefone ao meu ouvido, tive um grande alívio ao ouvir minha filha falando: “Mãe, mãe! Estou em casa, estou bem!”

Com certeza, esse foi um dos episódios de extremo estresse que vivi aqui no Tribunal. Houve também inúmeros outros, bons e ruins, mas sem dúvida alguma os bons aconteceram em maior número.

O ELEVADOR

SORAYA SAID

Havíamos mudado para o prédio novo do TCE há pouco tempo e precisei ir ao posto do Banco do Brasil no andar térreo.

O dia já ia em torno de 10 horas. Peguei a carteira, avisei aos colegas onde estaria e saí. Nessa época eu trabalhava na Assessoria da Presidência, no terceiro andar.

Cheguei ao banco, fiz a minha desobriga e me dirigi ao elevador, onde entrei sozinha. De repente, o elevador parou! Não subia, não descia! Comecei a ficar com medo e fui apertando tudo que foi tecla na parede, rezando para que alguém aparecesse. Nada! Intensifiquei a reza e só pedia a Deus para não entrar em pânico!

Então, ouvi uma batida e uma voz dizendo que iam tentar abrir a porta, pois o elevador estava preso e não conseguiam movê-lo.

Depois de uma espera que para mim pareceu um século, a porta foi aberta. Gente do céu! O elevador estava encravado entre o pavimento térreo e o primeiro andar. Tudo era parede, e só havia uma nesga livre de espaço. Eu estava suspensa alguns metros entre o fosso e essa fatia mínima de espaço, e teria que saltar por ela. Imaginem meu desespero!

Mas era o jeito! Seguindo as orientações dadas, sentei no chão com as pernas balançando no vazio, virei de costas apoiada nas mãos e dei um impulso, projetando o corpo para trás. Aterrissei no solo com



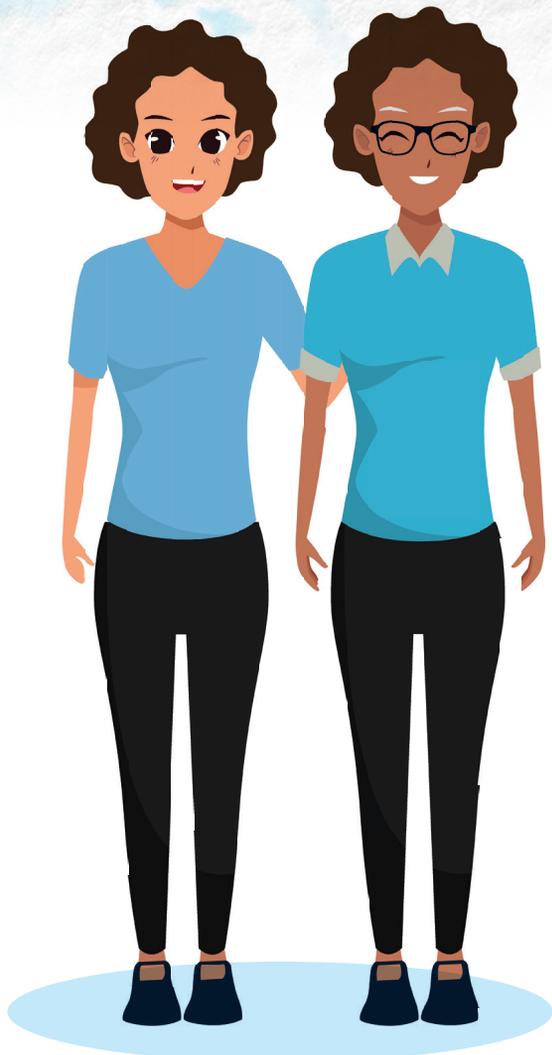
os braços do meu salvador ao redor da minha cintura, amparando-me.

De repente, ouvi gritos e som de palmas. Havia uma multidão aglomerada nas sacadas e no piso térreo, testemunhando, aliviada, o meu resgate! Senti-me tão amada e privilegiada!

Acalmados os ânimos, e depois de agradecer e tranquilizar a todos, soube que todo o processo havia levado pouco mais de meia hora. Foi então que percebi: justo naquele dia, eu estava usando saia!

MÃE E FILHA

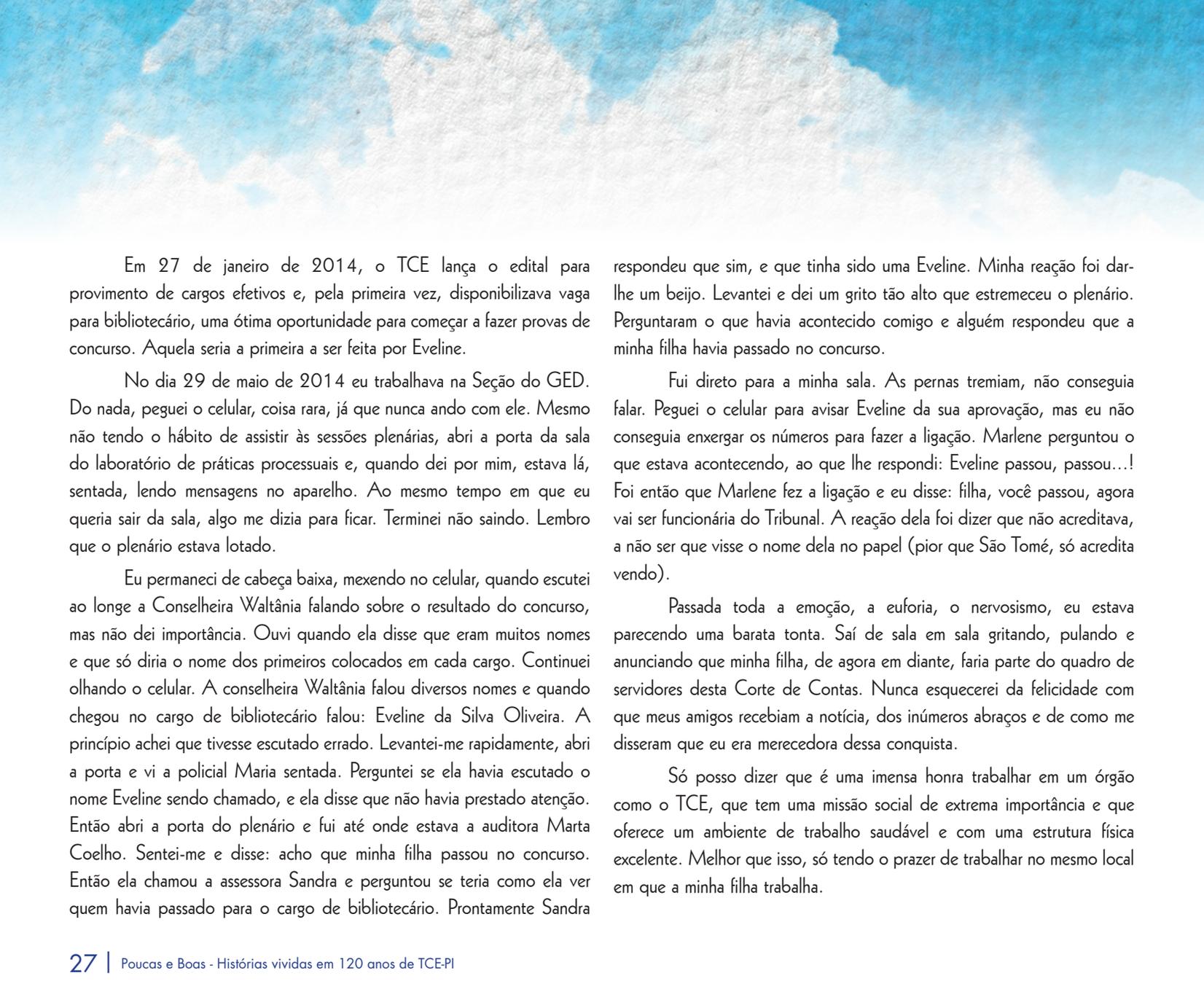
CONCEIÇÃO OLIVEIRA



Sou Maria da Conceição da Silva Oliveira, e trabalho há 34 anos de Tribunal de Contas. Comecei como escriturária datilógrafa na extinta Seção de Auditoria. Naquele tempo trabalhavam nesse setor Ana Ceres, uma pessoa maravilhosa; Elizabeth, a alegria em pessoa, parecia a viúva Porcina; Douglas, uma pessoa ímpar que já não se encontra entre nós; além de Lúcia Lina e Francisca Urtiga.

Certamente tenho inúmeras histórias para contar, das mais tristes às mais cômicas, que essas mais três décadas de tribunal me permitiram viver e/ou ouvir. Eu poderia falar de como antigamente todos os servidores se conheciam e confraternizavam. Em razão do crescimento tanto em estrutura física como em quantidade de pessoal, isso tem sido cada vez mais raro, embora esse crescimento tenha servido para sermos essa instituição robusta.

Poderia aqui também contar a história de um período, na Seção de Pessoal, em que houve uma rotatividade de mulheres engravidando sem precedentes. Mal uma voltava da licença maternidade, outra entrava. Se a pretensão era engravidar, era só pedir para ir trabalhar lá e, assim, nossos filhos foram sendo criados praticamente nas dependências do Tribunal. Poderia falar também das amizades, das perdas, das discussões ou das fofocas (pois se essas existem em todos os lugares, avalie em órgão público). Mas hoje resolvi contar como o meu trabalho nesta Corte de Contas inspirou minha filha Eveline Oliveira a querer trabalhar aqui também. Em dezembro de 2013 ela decidiu que estudaria para concursos.



Em 27 de janeiro de 2014, o TCE lança o edital para provimento de cargos efetivos e, pela primeira vez, disponibilizava vaga para bibliotecário, uma ótima oportunidade para começar a fazer provas de concurso. Aquela seria a primeira a ser feita por Eveline.

No dia 29 de maio de 2014 eu trabalhava na Seção do GED. Do nada, peguei o celular, coisa rara, já que nunca ando com ele. Mesmo não tendo o hábito de assistir às sessões plenárias, abri a porta da sala do laboratório de práticas processuais e, quando dei por mim, estava lá, sentada, lendo mensagens no aparelho. Ao mesmo tempo em que eu queria sair da sala, algo me dizia para ficar. Terminei não saindo. Lembro que o plenário estava lotado.

Eu permaneci de cabeça baixa, mexendo no celular, quando escutei ao longe a Conselheira Waltânia falando sobre o resultado do concurso, mas não dei importância. Ouvi quando ela disse que eram muitos nomes e que só diria o nome dos primeiros colocados em cada cargo. Continuei olhando o celular. A conselheira Waltânia falou diversos nomes e quando chegou no cargo de bibliotecário falou: Eveline da Silva Oliveira. A princípio achei que tivesse escutado errado. Levantei-me rapidamente, abri a porta e vi a policial Maria sentada. Perguntei se ela havia escutado o nome Eveline sendo chamado, e ela disse que não havia prestado atenção. Então abri a porta do plenário e fui até onde estava a auditora Marta Coelho. Sentei-me e disse: acho que minha filha passou no concurso. Então ela chamou a assessora Sandra e perguntou se teria como ela ver quem havia passado para o cargo de bibliotecário. Prontamente Sandra

respondeu que sim, e que tinha sido uma Eveline. Minha reação foi dar-lhe um beijo. Levantei e dei um grito tão alto que estremeceu o plenário. Perguntaram o que havia acontecido comigo e alguém respondeu que a minha filha havia passado no concurso.

Fui direto para a minha sala. As pernas tremiam, não conseguia falar. Peguei o celular para avisar Eveline da sua aprovação, mas eu não conseguia enxergar os números para fazer a ligação. Marlene perguntou o que estava acontecendo, ao que lhe respondi: Eveline passou, passou...! Foi então que Marlene fez a ligação e eu disse: filha, você passou, agora vai ser funcionária do Tribunal. A reação dela foi dizer que não acreditava, a não ser que visse o nome dela no papel (pior que São Tomé, só acredita vendo).

Passada toda a emoção, a euforia, o nervosismo, eu estava parecendo uma barata tonta. Saí de sala em sala gritando, pulando e anunciando que minha filha, de agora em diante, faria parte do quadro de servidores desta Corte de Contas. Nunca esquecerei da felicidade com que meus amigos recebiam a notícia, dos inúmeros abraços e de como me disseram que eu era merecedora dessa conquista.

Só posso dizer que é uma imensa honra trabalhar em um órgão como o TCE, que tem uma missão social de extrema importância e que oferece um ambiente de trabalho saudável e com uma estrutura física excelente. Melhor que isso, só tendo o prazer de trabalhar no mesmo local em que a minha filha trabalha.



“ME RESPEITA QUE SOU DO TEMPO...”



OLGA MATIAS MARQUES CAVALCANTE

Sou do tempo em que no dia do pagamento a gente formava uma fila no corredor do próprio prédio do TCE e esperava o caixa, que entrava tranquilamente com os malotes, para em seguida ‘distribuir’ o dinheiro entre os funcionários. Então, após o expediente, saíamos alegres e saltitantes, sem medo, pelas lojas do centro. As minhas preferidas eram Lobrás, Casas Pernambucanas, Esplanada, Supermercado Raul Lopes e Casa Saló, entre outras. A palavra assalto não existia em nosso vocabulário. Era muito raro acontecer e, quando acontecia, era assunto *pra mais de mês!*



Também não podíamos esquecer de guardar uns trocados para comprar o pastel apimentado da Maria Divina, que todos os dias levava sua cesta cheia, para o deleite dos funcionários, e também para o caldo da Graça (*in memoriam*), em cujo ponto marcávamos presença todas as manhãs, e contávamos com as brincadeiras, causos e piadas do Amadeu e demais motoristas, para, assim, iniciarmos o dia bem-humorados! Eita, tempo bom!

Muitas águas já rolaram, muitas coisas aconteceram, muitos anos foram vividos aqui nessa Corte de Contas. Há 35 anos cheguei aqui, ainda adolescente, no meu primeiro emprego. Saí da barra da saia da mãe para encarar um mundo completamente oposto ao que até então tinha vivido. Tímida ao extremo, mal conseguia levantar a cabeça para olhar para as pessoas, mas fui muito bem acolhida, primeiramente pela portaria,

na pessoa do amabilíssimo Sr. José Francisco Ribeiro (seu Chiquinho, *in memoriam*), e também por um grande amigo, o Carlinhos (Maiobinha).

Em seguida fui apresentada ao doutor Adelino Nunes, pioneiro, fundador do setor médico, grande profissional e ser humano! Ele me acolheu com toda boa vontade e paciência, ensinando-me como seria todo o meu trabalho com o carinho de um pai (mesmo não tendo idade para isso). Algum tempo depois nos tornamos bons amigos e, por que não dizer, irmãos. Agradeço a Deus por tê-lo colocado em minha trajetória, pois com ele tive muito aprendizado que levarei para a vida toda. Nunca o esquecerei, pois “amigos para sempre é o que nós iremos ser, na primavera ou em qualquer das estações...”



Aqui construí amizades sinceras, junto com as quais, em algum momento da vida, rimos e choramos, enfim, apoiamo-nos mutuamente. Não citarei mais nomes, pois posso correr o risco de cometer injustiça com alguns. Nem tudo foram flores. Houve espinhos também, como na vida de qualquer ser humano. Muitas vezes aprendi e, em outras, creio que ensinei.

Durante minha trajetória no TCE tive a oportunidade de continuar meus estudos, de constituir família, e ainda estou aberta a novos aprendizados, pois estou longe de chegar ao meu limite. Estou longe de saber de tudo, mas de uma coisa sei: Precisamos ser gratos sempre! Agradeço a Deus em primeiro lugar, e à família TCE deixo aqui o meu “Muito Obrigada!”

🌀 O HOMEM DO COMPUTADOR 🌀

PATRÍCIO PIAUIENSE



Eu vim a convite do Dr. Heitor Cavalcanti. Eu tinha voltado do Rio de Janeiro, onde havia trabalhado na Petrobrás. Eles estavam precisando de uma pessoa que tivesse algum conhecimento sobre computadores. O Dr. Heitor Cavalcanti procurou o meu irmão, que trabalhava aqui, e ele respondeu: “Rapaz eu tenho um irmão que acabou de chegar do Rio de Janeiro. Acho que ele trabalhava com esse negócio de computador”. Em Teresina não havia ainda muitos computadores. Nós fomos uns dos primeiros a adquirir um, em 1991.

Meu irmão chegou todo satisfeito em casa e disse: “Patrício, você quer continuar trabalhando?” Mas eu tinha acabado de me aposentar. Queria pescar, cuidar da minha vida, já tinha dado um duro danado na vida, queria sossego. Ele insistia, falava dos benefícios, que era um trabalho de meio expediente, que, como o Tribunal era no centro, por trás dos Correios, dava para dar uma voltinha na rua, etc. Como eu praticamente não tinha muita coisa para fazer, resolvi ir.

Quando entrei, o Doutor Heitor me chamou e logo me ofereceu um cargo comissionado. Eu disse que queria esperar o computador chegar para poder iniciar os trabalhos, mas o doutor falava alto, era firme, e disse: “Não, de repente chega!” Disse que era melhor que eu já fosse começando, e eu aceitei.

Entre em janeiro de 1991, mas tive de esperar até outubro daquele ano. Até que o computador aparecesse, foram dez meses de espera.

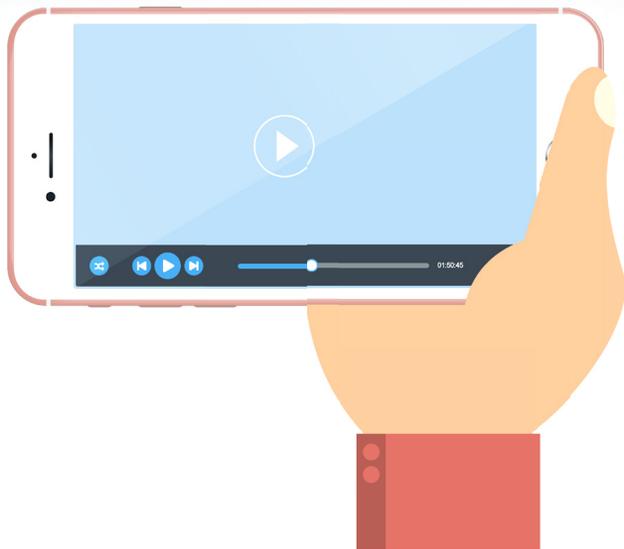
Quando ele finalmente chegou, a transportadora ligou para o Tribunal. Fui logo perguntando se já poderia ir buscá-lo. Eles confirmaram, solicitando apenas uma identificação (eu tinha o crachá). O computador era um pouco maior que uma mesa de cabeceira – inclusive ele está no museu do Tribunal. Eu o acomodei em uma caixa grande, coloquei-o dentro do meu fusquinha e trouxe-o para o TCE.

Só eu trabalhava na informática. Então, quando a notícia de que o computador havia chegado se espalhou (havia mais ou menos 70 funcionários), o Paulo Coelho se interessou em aprender a usá-lo. Minha intenção era tentar explicar alguma coisa sobre computadores para ele, ficar mais um ou dois meses ajudando e, ao final, “um abraço e um muito obrigado”. Eu iria continuar minha aposentadoria.

Que nada! Estou aqui até hoje, 30 anos depois, contando a história de como um computador conseguiu me prender aqui no Tribunal de Contas. E eu não estou querendo sair tão cedo!

O TOMBO

ANTÔNIO CARVALHO FILHO



Eu estava com pouco tempo de trabalho, ainda me familiarizando com o ambiente, quando um acontecimento me fez ser conhecido em todo o Tribunal, fato esse que se não fosse trágico, seria até cômico.

Fui designado a entregar um documento ao meu Conselheiro Substituto Jaylson Campelo, que se encontrava em sessão no plenário desta Corte de Contas. Tentei o acesso pela primeira porta, atrás da mesa onde ele se encontrava, mas não consegui devido ao fato de o trinco da mesma estar emperrado. Assim, resolvi me dirigir a outra porta, tendo, para isso, que passar por trás da bancada dos conselheiros. Nesse momento tropecei e levei um grande tombo em plena sessão, em

um degrau existente até hoje por trás da cadeira do presidente, na época o Conselheiro Kléber Eulálio.

Não caí sozinho. Levei as três bandeiras que lá existem junto comigo para o chão, um barulho imenso. O Conselheiro Jaylson veio prontamente me socorrer. Perguntou se eu estava bem. Levantei rápido e tratei logo de sair do plenário. O que eu não imaginava é que a minha queda fenomenal estava gravada, registrada, documentada pelas câmeras do plenário.

Em poucas horas eu já estava conhecido, pois as imagens estavam em todos os grupos de WhatsApp do trabalho, família e desconhecidos. São 30 segundos de um vídeo que faz qualquer um gargalhar. Logo eu, que não consigo me controlar quando vejo alguém levar um tombo ou mesmo uma simples topada próximo a mim. É involuntária a gargalhada, a não ser que essa queda cause um acidente grave. Assim, a queda, o barulho das bandeiras indo ao chão comigo, a reação do Conselheiro Kléber, toda a situação foi cômica. Disseram até que eu estava caçando Pokémon, que na época estava na moda.

Depois do ocorrido, recebi o apoio do Jean, que me informou que também já havia topado no mesmo degrau, só que não naquela proporção. Só não acho que fiquei famoso com tal incidente, como entendem os meus colegas de gabinete, e que até hoje guardam o vídeo. Para momentos de tristeza, é um santo remédio. O riso é garantido. Que o diga a Marta, pois ela também sorriu bastante, e sorri até hoje, quando comentamos sobre esse assunto. Bem, definitivamente não mais pretendo fazer o mesmo percurso.

PEGANDO FOGO

SANDRA MARIA DOS SANTOS

Há alguns dias o aparelho de ar condicionado da sala dos assessores da Conselheira Waltânia estava com defeito e, conseqüentemente, a sala ficou muito quente, motivo pelo qual os servidores reclamavam do calor excessivo.

Com o intuito de resolver o problema, entrei em contato com a Dra. Raimunda Borges, que prontamente tomou todas as providências. Porém, a equipe da empresa contratada não conseguiu resolver o problema, apesar das tentativas. Novamente entrei em contato com a Dra. Raimunda e, a fim de reforçar o pedido, eu disse à diretora que o “gabinete estava pegando fogo”. A Raimunda Borges ficou aflita. Achei que já estivesse acionando a brigada de incêndio, ao tempo em que os assessores davam sonoras gargalhadas. Disseram-me para explicar-lhe sobre o “fogo”, pois até eles entenderam que se tratava de um incêndio.

Imediatamente expliquei que o termo “pegando fogo” tratava-se da alta temperatura do ambiente, e não de incêndio. Percebi o alívio da diretora, que acionou novamente a empresa terceirizada e recomendou até a troca do aparelho, caso não houvesse solução.



TCE MUSICAL

ALEXANDRA CRONEMBERGER RUFINO

Eu cheguei ao Tribunal ainda na época da DAM, que ficava em um porão em frente aos Correios. De lá, viramos DFAM, e subimos a ladeira para um prédio em frente à antiga Escola Técnica Federal do Piauí, hoje Instituto Federal (IFPI). Naquele tempo, o TCE se dividia em quatro prédios, mas, mesmo assim, os servidores eram muito integrados, e as festas de fim de ano, muito animadas.

A música sempre fez parte de todas as salas por onde passei. Quando viramos DFAM, trabalhávamos juntos Josélia, Mazé, Mayra, Oseas, Rosa Amélia, Gorete, Adolfo e eu, e sempre ouvíamos o programa “A hora do Rei”, através de um aparelho de rádio que ficava bem no meio das mesas, para que todos pudéssemos escutar. Até hoje sei de cor todas as músicas do Roberto Carlos. Foi nesse tempo que o Dr. Jesualdo criou o coral Contas e Cantos. Não podíamos deixar de participar. E lá íamos nós. Descíamos a ladeira para irmos ao prédio sede para participarmos dos ensaios.

Quando mudamos para o prédio sede (o azul), ganhamos salas novas e instalações maravilhosas, mas aos poucos vieram as complicações, como as tomadas no chão, que não se compatibilizavam com a posição das mesas, mas nada que uma fita isolante e umas extensões não resolvessem. Na sala da DFAM em que trabalhei nesse tempo, a música estava presente de novo.

Trabalhávamos, entre outros, Luciana, Teliam, Juscelino, Braz e eu, e estávamos naquele tempo de fazer hora extra para colocar os processos em dia, sonhando com a análise concomitante. E para animar, sempre ouvíamos música. O acústico do Cidade Negra só não furou porque já era CD.

Preciso lembrar que em outra sala da DFAM por onde passei, Ítalo adorava me ouvir cantar (SQN, kkkk), mas meu talento foi reconhecido quando Valquíria me pediu para participar duas vezes do coral das aulas de francês, cantando *La Vie en Rose*. Que glória!!!!

Quando cheguei ao Ministério Público de Contas, continuei a ouvir as minhas músicas e a “espantar” os colegas de trabalho com minhas interpretações, já que agora escuto as músicas com fone e, quando me empolgo, canto junto com o/a artista e bato na mesa para acompanhar a bateria dos rocks que gosto de ouvir.

O Tribunal de Contas é para mim como a minha casa, e meus colegas de trabalho como meus irmãos. Sinto-me muito à vontade aonde quer que eu vá, e espero ainda passar muito tempo por aqui.



FAROESTE PIAUIENSE

FÁTIMA MASCARENHAS

As viagens no início da década de 80 eram muitas, devido ao atraso nas prestações de contas dos gestores municipais e à falta de controle com os gastos dos recursos públicos dos municípios piauienses.

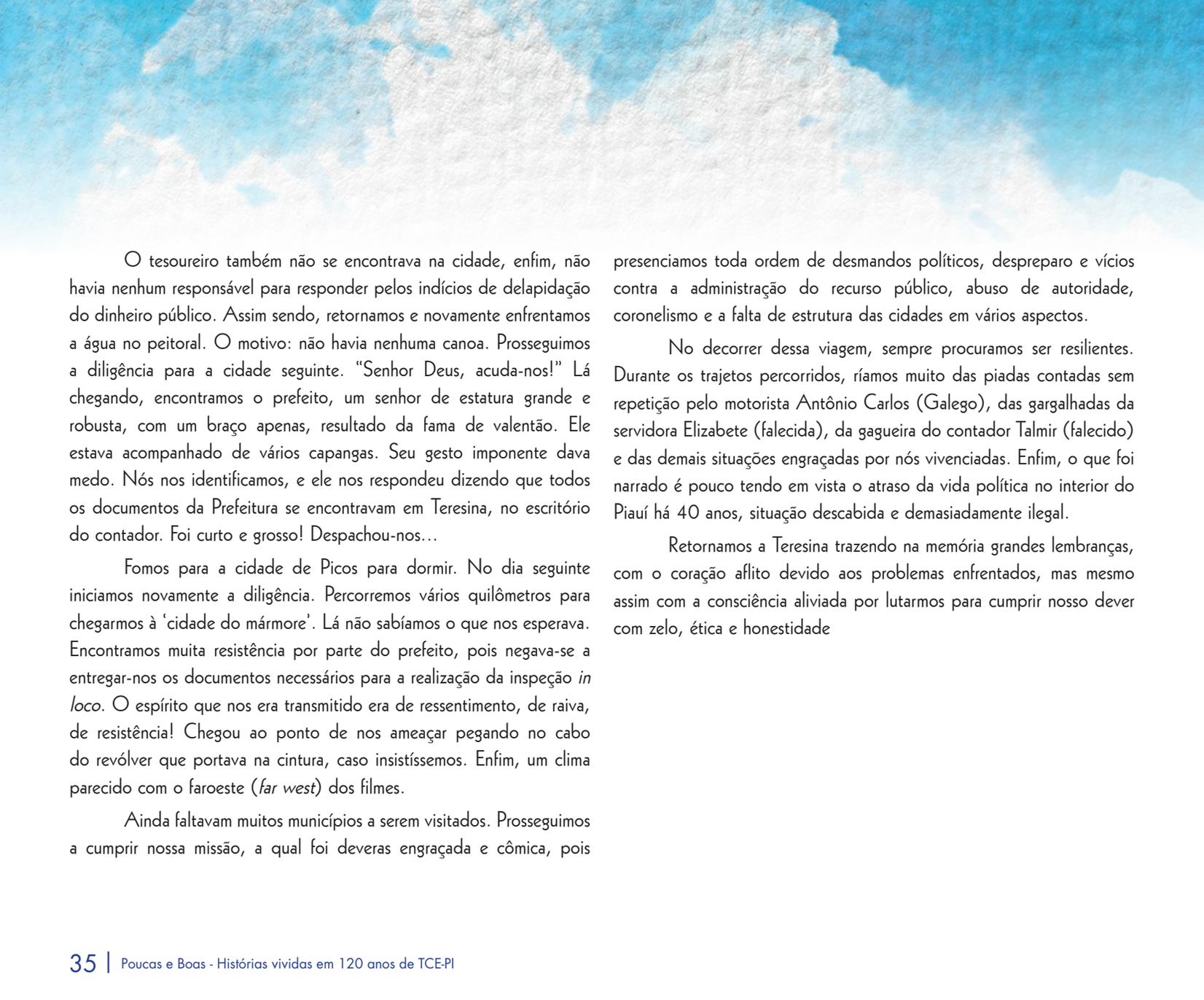
Havia no passado muito despreparo técnico e, principalmente, vícios quanto ao uso do erário, o que caracterizava crime de peculato e outros tantos crimes contra a Administração Pública. Diante dessa questão, a Corte de Contas, sempre vigilante para com o patrimônio público, diligenciava servidores para aquelas cidades onde a situação exigia mais urgência no sentido de detectar os erros, falhas e irregularidades existentes nos gastos daqueles municípios.

O interessante é que as condições há 40 anos eram muito precárias. Viajávamos dias e dias em um carro (Kombi) muito quente e desconfortável. As diárias eram de baixo custo, o que exigia que fizéssemos economia para poder suprir as diligências.

Recordo uma viagem à microrregião de Picos. Passamos por muitos aperreios, como a falta de local adequado para refeição e dormida, o que contribuía para que ficássemos doentes: com piriri (disenteria) e cansaço (stress), consequência da falta de estrutura da vida interiorana.

Naquele tempo, o ranço do coronelismo imperava nas cidades do interior do Piauí. Só de lembrar... “valei-me, Deus do céu!” Chegamos a um certo município e atravessamos o rio com água na cintura (a nado). Ao entrarmos na cidade, quem nos recepcionou? Os porcos, em meio a uma lamaçal na via pública principal. Em plena segunda-feira a prefeitura estava fechada. Fomos à casa do prefeito e fomos informados de que estava viajando para Pernambuco, pois ele era natural de lá.





O tesoureiro também não se encontrava na cidade, enfim, não havia nenhum responsável para responder pelos indícios de delapidação do dinheiro público. Assim sendo, retornamos e novamente enfrentamos a água no peitoral. O motivo: não havia nenhuma canoa. Prosseguimos a diligência para a cidade seguinte. “Senhor Deus, acuda-nos!” Lá chegando, encontramos o prefeito, um senhor de estatura grande e robusta, com um braço apenas, resultado da fama de valentão. Ele estava acompanhado de vários capangas. Seu gesto imponente dava medo. Nós nos identificamos, e ele nos respondeu dizendo que todos os documentos da Prefeitura se encontravam em Teresina, no escritório do contador. Foi curto e grosso! Despachou-nos...

Fomos para a cidade de Picos para dormir. No dia seguinte iniciamos novamente a diligência. Percorremos vários quilômetros para chegarmos à ‘cidade do mármore’. Lá não sabíamos o que nos esperava. Encontramos muita resistência por parte do prefeito, pois negava-se a entregar-nos os documentos necessários para a realização da inspeção *in loco*. O espírito que nos era transmitido era de ressentimento, de raiva, de resistência! Chegou ao ponto de nos ameaçar pegando no cabo do revólver que portava na cintura, caso insistíssemos. Enfim, um clima parecido com o faroeste (*far west*) dos filmes.

Ainda faltavam muitos municípios a serem visitados. Prosseguimos a cumprir nossa missão, a qual foi deveras engraçada e cômica, pois

presenciamos toda ordem de desmandos políticos, despreparo e vícios contra a administração do recurso público, abuso de autoridade, coronelismo e a falta de estrutura das cidades em vários aspectos.

No decorrer dessa viagem, sempre procuramos ser resilientes. Durante os trajetos percorridos, ríamos muito das piadas contadas sem repetição pelo motorista Antônio Carlos (Galego), das gargalhadas da servidora Elizabete (falecida), da gagueira do contador Talmir (falecido) e das demais situações engraçadas por nós vivenciadas. Enfim, o que foi narrado é pouco tendo em vista o atraso da vida política no interior do Piauí há 40 anos, situação descabida e demasiadamente ilegal.

Retornamos a Teresina trazendo na memória grandes lembranças, com o coração aflito devido aos problemas enfrentados, mas mesmo assim com a consciência aliviada por lutarmos para cumprir nosso dever com zelo, ética e honestidade

NOVA MODALIDADE DE APOSENTADORIA?

JOSÉ PEREIRA LIBERATO

Por volta de 1996, havia no Tribunal de Contas do Estado do Piauí um setor denominado Assessoria Jurídica (hoje extinta) que, na época, era composta por Josyane Rocha como chefe, Liberato, Conceição Rufino, Demerval Lobão, Conceição Sobreira (esses ainda trabalhando no TCE/PI), Djalma Policarpo (hoje no DNOCS-PI) e Lirton Nogueira (atualmente Juiz do TJ/PI).

A Assessoria Jurídica funcionava quando a sede do TCE/PI ainda era no centro de Teresina, na Rua Álvaro Mendes, e tinha atribuições, entre outras, da emissão de pareceres, elaboração de minutas de acórdãos e resoluções inerentes à análise para fins de registro dos atos de inativação de servidores públicos.

Diariamente chegavam processos contendo análise de atos das várias espécies de aposentadorias previstas no ordenamento jurídico, como “aposentadoria voluntária por tempo de serviço”, “aposentadoria voluntária proporcional”, “aposentadora compulsória”.

Eis que certo dia nos chega para minutar a resolução acerca de um processo com identificação na capa: “Aposentadoria Compulsiva”.

Em face da “nova nomenclatura de aposentadoria”, a Assessoria Jurídica “ficou na dúvida” se se tratava de uma nova modalidade de aposentadoria ou se referia a uma pessoa que tinha compulsão, fanatismo, transtorno, angústia, desejo incontido por aposentadoria.

Obviamente que, com o devido respeito, entendemos não se tratar de pessoa com fanatismo por aposentadoria, e tratamos o caso como aposentadoria compulsória.



ENTRE O FACÃO E O PROCESSO

DEMerval DE LOBÃO VERAS



Na extinta Assessoria Jurídica do Tribunal de Contas do Estado do Piauí onde trabalhei até a sua extinção, sob a coordenação da Dra. Josyane Rocha e ao lado dos colegas José Pereira Liberato, Conceição Rufino, Conceição Sobreira e Djalma Policarpo, labutávamos na lavratura das decisões proferidas por esta Corte de Contas (acórdãos e pareceres prévios). Como ocorriam nos demais setores, na Assessoria Jurídica também recebíamos a visita rotineira de pessoas vendendo produtos diversos. Ofereciam de tudo: roupas íntimas, perfumes, jóias, doces, queijos, etc.

Realmente, como dizia o jornalista Donizete Adalto, “morro e não vejo tudo”, e eis que um dia eu estava concentrado trabalhando em

um processo na redação de um acórdão quando, de repente, um homem de aparência simples, aparentando aproximadamente 60 (sessenta) anos de idade, aproximou-se de minha estação de trabalho e ao levantar a cabeça em sua direção para atendê-lo, o homem rapidamente tirou algo de dentro de uma sacola, fazendo-me ao mesmo tempo a seguinte pergunta: doutor o senhor quer comprar um facão? Confesso que experimentei uma mistura de sensações naquele momento: medo, alívio e indignação. Medo pelo tamanho do facão, alívio por saber que o homem não queria me matar e indignação por permitirem que aquele senhor entrasse nas dependências de um órgão público portando um facão, ainda que com o propósito de ser comercializado.



TRIBUNAL
DE CONTAS
DO ESTADO
DO PIAUÍ